

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas
Área de Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês

O *Crise de vers* mallarmeano e as traduções brasileiras para a crise

Caroline Pessoa Micaelia, N°. USP: 7614720

Relatório final de Iniciação Científica
apresentado à FAPESP (Fundação de amparo à
pesquisa do Estado de São Paulo)

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Silveira Faleiros

Agosto
2014

Caroline Micaelia

Caroline Pessoa Micaelia

Bolsista

Álvaro S. Faleiros

Prof. Dr. Álvaro Silveira Faleiros

Orientador

1. Resumo do plano inicial e das etapas já descritas no relatório anterior

De acordo com o que foi apresentado à FAPESP, em 2014, esta pesquisa pretendeu discutir pontos significativos no tocante à existência de duas traduções brasileiras do poema-crítico "Crise de vers" (1897), de Stéphane Mallarmé, produzidas com brevíssimo intervalo de tempo entre si, as quais configuram, entretanto, projetos tradutórios expressivamente diferentes, além de responderem, de certa forma – e de maneiras muito díspares –, a um recente movimento da crítica ligada à obra do poeta, a uma perturbação na tradição de leitura dessa obra, bem como no que vinha sendo pensado à propósito dela. As traduções em questão, "Crise do verso" (2008), por Ana de Alencar, e "Crise de verso" (2010), por Fernando Scheibe, acompanham o renovado interesse da crítica, nacional e internacional, na produção do poeta francês, e revelam, em meio a este novo momento de leituras, um crescente interesse do Brasil pela *crise de vers* e pela obra do poeta, de uma forma geral.

O plano de trabalho inicialmente proposto compunha-se por duas frentes: uma sobre as traduções *tout court*, que operaria através de análises individuais e comparadas, elencando pontos de interesse, de conflito, de encontro, de mesmo que possíveis sugestões tradutórias, quando fosse o caso; outra a respeito do lugar que esse texto ocupa na obra de Mallarmé e do modo como tal obra foi abordada em três estudos contemporâneos pertinentes dentre os que integram esse fluxo de produções que caracteriza, entre fins do século XX e inícios do XXI, a nova onda crítica que a tem como centro – a saber, o trabalho de Marcos Siscar, o de Jacques Rancière e o de Henri Meschonnic. É importante colocar que esses dois direcionamentos não funcionariam isolados, mas antes entranhados, entrecruzando-se, numa tentativa de dar organicidade e dinamismo aos esforços aqui empreendidos, e não só: entendeu-se que a confluência de ambos conferiria proveito quando da tentativa de elaborar possíveis fios de compreensão para o que estaria em jogo nas escolhas dos títulos de cada tradução; na relevância de terem sido produzidas duas versões do texto mallarmeano, na mesma época, sob o mesmo panorama teórico-crítico.

Em termos práticos, o estudo de fundamentação teórica viria acompanhado de uma conjunção de análises textuais, os quais desembocariam na elaboração de um relatório parcial, que elencaria, por sua vez, descrições dos resultados até ali encontrados, e a partir daí, a sistematização desses resultados permitiria a redação de

um artigo científico a ser apresentado no Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP (SIICUSP) e de um relatório final, responsáveis por organizar e tornar produtivos os esforços ora investidos. O relatório final, além de instância organizativa, deveria conter por bem uma condensação do processo da pesquisa, incluindo a produção textual mencionada e relatos concernentes às atividades acadêmicas realizadas, às disciplinas acompanhadas, às correspondências inicializadas ou em curso, às descrições e procedimentos de análise utilizados, à bibliografia final e aos demais materiais pertinentes ao curso do trabalho.

No primeiro momento desta pesquisa – ao qual se refere o relatório parcial entregue anteriormente à FAPESP –, o tom informal na desenvoltura da escrita e nos métodos de análise delineava não apenas uma sequência de primeiras apreensões do que significaria a produção de um trabalho científico e dos modos de realização que possibilitariam a produção/identificação de resultados, mas também a valorização de um gesto que provou-se significativo ao longo de todo o caminho traçado pela pesquisa: uma notável contribuição por parte das atividades acadêmicas e das correspondências que, em conjunto com um trabalho mais convencional – no qual podem ser incluídos mecanismos metodológicos consagrados, tais como leitura, análise, comparação, desenvolvimento etc. –, cooperou para uma ampliação das perspectivas teóricas aqui em voga, assim como para o enriquecimento da bibliografia fundamental e de referência.

Se, por um lado, as análises iniciais, ainda muito rudimentares, tinham por base critérios e marcas muito subjetivos, criados com o fim de servir a um sublinhar de problemas que possivelmente iluminariam as perguntas que vinham sendo feitas – e que, no entanto, acabavam por gerar novas perguntas –, por outro, o relatório parcial, organização primeira de resultados, foi marcado pela aquisição inicial de uma terminologia teórica, a qual auxiliou o exercício crítico da análise que, aos poucos, ganhava corpo. Conforme consta naquele relatório, dois livros de Antoine Berman (*A prova do estrangeiro*, de 2002, e *A tradução e a letra ou O albergue do longínquo*, de 2007) caracterizaram profundamente a passagem de um âmbito distinguido pela ausência de qualquer experiência para um que já dispunha de alguma diretriz. Do mesmo modo, as consequências ligadas às novidades trazidas por *Camarade Mallarmé : une politique de la lecture* (2014), último livro do canadense Jean-François Hamel, solidificaram bases para que conceitos como "historicidade", "leitura" e "crise", muito presentes nos textos de Siscar, Rancière e Meschonnic, ganhassem em interesse.

No que diz respeito aos dois cursos de pós-graduação (FFLCH/USP) que a bolsista foi convidada a assistir ao longo de 2014, "Textualidade e tradução" (primeiro semestre) e "Poéticas e políticas da voz" (segundo semestre), ministrados, respectivamente, por Álvaro Faleiros (atualmente orientador deste trabalho) e por Roberto Zular, não parece demasiado ressaltar as contribuições então conferidas, especialmente visto que tais disciplinas ampliaram, em efetivo, a compreensão dos problemas teóricos tratados por esta pesquisa e, junto a isso, viabilizaram debates sem os quais a leitura de obras como *Escritos da Inglaterra* (1988), de Ana Cristina Cesar, *Poética do traduzir* (2010), de Henri Meschonnic, e *Mallarmé : la politique de la sirène* (1998), de Jacques Rancière, não teria sido tão frutífera.

Num sentido parecido, as correspondências que vêm sendo mantidas, desde o início da pesquisa, com Roberto Zular, Dirceu Villa e Marcos Siscar, representam interlocuções prolíferas, que afora terem ocupado lugares-chave para o desenrolar de alguns pontos de entrave, trouxeram contribuições necessárias para uma compreensão mais ampla do momento pelo qual passam os estudos de poesia, sem mencionar, certamente, o recente retorno da obra de Mallarmé à centralidade de muitos debates. E é, aliás, por conta de tais interlocuções que um número considerável de obras tornaram-se bibliografia fundamental ou de apoio para este trabalho, sem mencionar que foi também por conta delas que dados essenciais ao desenvolvimento do que vinha sendo feito puderam ter sido obtidos.

Retrospectivamente: vieram, de Zular, as indicações de *Poesia e crise* (2010) e *Da soberba da poesia* (2012), ambos de Siscar, das duas *Oeuvres Complètes* (1998 e 2003) de Mallarmé, organizadas por Bertrand Marchal, de *Linguagem, ritmo e vida* (2006), de Meschonnic, e do livro de Rancière, anteriormente referido; de Villa, a mais longa discussão feita, até o momento, sobre "Crise de vers", em conjunto com um indicativo de alternativas metodológicas de leitura, interessantes para uma renovação nas aproximações ao texto mallarmeano; de Siscar, dados concernentes à cronologia das publicações, imprescindíveis para um questionamento sobre o fluxo de traduções em jogo, ademais da também imprescindível informação que revelou a existência de uma quarta tradução do poema-crítico ao português: "Crise de verso" (2010), de Gilles Abes¹.

¹ Quarta, não custa lembrar, pois que a terceira, produzida por Álvaro Faleiros e Luiz Carreira, em razão de um exercício realizado durante uma disciplina da pós-graduação da USP, era já conhecida quando do início desta pesquisa. E uma vez mais, ainda que tenha sido analisada, junto às demais, e vastamente

A existência da quarta tradução relativa ao texto sobre o qual se debruça este trabalho acresceu força às perguntas inicialmente aventadas, reforçou a reflexão quanto ao interesse da crítica brasileira na *crise de vers* e desfez dicotomias que, num primeiro momento, pareciam carregadas de evidência. Verificou-se que o problema talvez não fosse tanto a diferença entre um projeto tradutório ligado à tradição de leitura do texto de Mallarmé em face de um ligado a uma leitura mais filosófica, ou mesmo mais contemporânea, em alguma medida, da obra do poeta, como na verdade a expressão de abordagens efetivamente múltiplas às quais tal obra estaria sujeita no contexto atual da crítica que a toma como objeto. E assim, desde esse ponto, começaram a ser desenhados os primeiros traços de um artigo científico no qual, tendo como fundo o livro de Jean-François Hamel, propôs-se a pensar os projetos tradutórios envolvidos nas transposições de "Crise de vers" ao português de uma perspectiva que compreendia a relação entre eles enquanto conversa em curso.

Os possíveis caminhos apresentados pelo viés historicizante de *Camarade Mallarmé : une politique de la lecture*, somados às análises textuais que vinham sendo destiladas de cada tradução, conflagraram, de maneira muito mais palpável, as convergências e divergências entre os projetos expostos por cada tradutor, revelando um debate, elaborado pelo conjunto, quanto às possibilidades de interpretação desse texto. A tentativa de estruturação desses elementos, justaposta à presença de alguns outros estudos, resultou no artigo intitulado "Algumas tempestades adentram o palácio: crise, leitura e historicidade em três traduções de Mallarmé"², aceito para publicação no número 7 da *Revista Non Plus*, a sair ainda no fim do ano corrente.

2. Resumo do que foi realizado no período a que se refere este relatório

2.1 Algum aprofundamento teórico

Dando seguimento ao cronograma reformulado no relatório parcial desta pesquisa, o início deste segundo momento de trabalho foi destinado à continuidade do estudo de fundamentação teórica inicializado em meados do período que correspondeu àquela primeira etapa; continuidade que, tendo por horizonte uma leitura mais cuidadosa de alguns estudos importantes, os quais ainda não haviam sido explorados a

utilizada nas comparações, não aparece no artigo produzido em decorrência deste trabalho pois que, formalmente, optou-se por privilegiar o trabalho com traduções publicadas.

² Em anexo no item 5 desse relatório.

fundo, contribuiu para uma melhor precisão no delimitar do campo crítico sobre o qual ora alocam-se as discussões que vinham sido travadas nos últimos cinco meses. Os estudos em questão, *Escritos da Inglaterra* (1988), de Ana Cristina Cesar, e *Sobre os diferentes métodos de traduzir* (2007), de Friedrich Schleiermacher, identificam, cada um a seu modo, alguns dos problemas que os tradutores costumam enfrentar ao longo do processo – e, às vezes, por conta dos procedimentos – que se propõem a executar. Nesse sentido, o interesse de uma reflexão como a que colocam encontra-se, como a essa altura talvez já esteja claro, no fato de que diferentes projetos tradutórios implicam diferentes interpretações de um mesmo texto, as quais, por sua vez, levam a métodos e soluções diferentes, sujeitas a erros e/ou acertos.

Em *Escritos da Inglaterra*, Ana Cristina presta-se, majoritariamente, a pensar a problemática envolvida na tradução de prosa e, embora alguns momentos também contenham comentários sobre tópicos da tradução de poesia, o livro mostra-se interessante para a discussão dos pontos aqui trabalhados exatamente por sugerir que um dos elementos fundamentais da tradução de textos em prosa está diretamente associado à transposição do ritmo desse tipo de texto, o qual, diferentemente daquele a que está sujeito o poema – e que mobiliza aspectos de versificação, métrica, sílabas tônicas, entre outros –, este seria regido por uma outra ordem de fatores, pois que, "em prosa, o ritmo não é mensurável e depende diretamente da sintaxe e do conteúdo" (CESAR, 1988: 97). Foi interessante verificar que, de encontro a isso, as traduções de "Crise de vers" não apenas divergiam interpretativamente no que toca o conteúdo do texto, mas também no que se refere ao ritmo, a exemplo das reordenações sintáticas repetidamente utilizadas na tradução protagonizada por Ana de Alencar, de acordo com o que foi demonstrado no artigo anexo a este relatório.

À propósito de tais divergências interpretativas, a breve menção que Ana Cristina faz quanto à oposição existente entre literalismo e fidelidade, do ponto de vista rítmico³, poderia acionar, de certa maneira, um pouco do que coloca Schleiermacher, quando escreve, em *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, que

quanto mais haja prevalecido na exposição o modo de ver e combinar próprio do autor, quanto mais ele siga uma ordem livremente escolhida ou determinada pela impressão, tanto mais opera já o seu trabalho no domínio superior da arte, e também o tradutor deve então aplicar outras forças e habilidades para realizar o seu trabalho e estar

³ E aí, é importante dizer, a autora está pensando nas traduções, ao inglês, de um texto específico: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, um dos romances fundamentais de Machado de Assis.

familiarizado com seu escritor e sua língua num sentido diverso daquele do intérprete (2007: 235)

E sendo Mallarmé precisamente esse autor do qual fala o filósofo polonês, mostrou-se importante para esta pesquisa um olhar mais atento no que toca as diferentes formas através das quais cada tradutor se atentou àquilo que, no referido artigo, foi chamado de uma certa "dicção mallarmeana", e também aos modos como cada um deles fez ecoar, uns melhor sucedidos do que outros, tal dicção no texto de chegada.

É notável, aliás, que em dado momento Schleiermacher comente, sobre traduções, o fato de que, mesmo a tarefa da tradução indo adiante,

não se pode esperar facilmente que um trabalho desta índole, por excelente que seja, consiga a aprovação geral. Diante das muitas precauções que a que se tomar e dificuldades a vencer, tem que se desenvolver diferentes opiniões sobre que aspectos da tarefa devem ser postos em relevo e quais atenuados. Assim se formarão, de certo modo, diversas escolas entre os mestres e diferentes partidos no público que os segue; e, ainda que sempre está na base o mesmo método, poderá haver simultaneamente diferentes traduções de uma mesma obra concebidas desde pontos de vista diferentes, das quais nem sequer poderia se dizer que uma seja no conjunto superior ou menos perfeita, senão que apenas algumas partes estarão melhor realizadas em uma e outras partes na outra, e unicamente todas juntas e relacionadas entre si, ao fazer uma mais apoio nesta e outra em noutra a aproximação à língua original, cumprirão de todo a tarefa, pois, cada uma por si mesma nunca terá mais que um valor condicionado e subjetivo. (2007: 252)

isto porque tal ideia parece ser quase que ela mesma uma espécie de tradução ou de eco, num sentido diverso, provindos de algo dos pontos expostos numa das reflexões que Mallarmé elabora em "Crise de vers":

Às línguas imperfeitas no que várias, falta a suprema: pensar sendo escrever sem acessórios, nem sussurros, mas tácita ainda a imortal fala, a diversidade, sobre a terra, de idiomas, impede a todos de proferirem as palavras que, de outro modo, encontrar-se-iam, por um talhe único, ela própria materialmente a verdade. (2003: 252, tradução minha)

o que significaria dizer que os projetos tradutórios, como as línguas, configuram-se como fragmentos de um todo, e parecem funcionar, de maneira mais produtiva, em diálogo – noção que permeia inteiramente o trabalho aqui apresentado.

2.2 A quinta tradução, o esboço de novas perspectivas teóricas e a revisão do artigo

Juntamente ao referido aprofundamento teórico, esta segunda etapa contou com o prosseguimento das análises textuais que vinham sendo feitas desde o início da vigência desta bolsa e, ainda, com um primeiro contato referente a algumas novas perspectivas teóricas que, mesmo não tendo sido vastamente examinadas, arejaram, em alguma medida, os pilares que vinham sendo construídos.

O inteirar-se das atividades de pesquisa de Larissa Drigo Agostinho (tanto de sua tese de doutorado, recém-defendida na *Université Paris-Sorbonne – Paris IV*, sob orientação de Bertrand Marchal, intitulada *Mallarmé : les plis et déplis du hasard à la recherche de l'infini : poésie, philosophie et politique* (2015), como do artigo "Mallarmé et l'anarchie : Critique de l'économie politique et esthétique dans les années 1890 en France"), consonantes com o livro de Jean-François Hamel, foi interessante na medida em que lançou uma outra luz sobre o trabalho do professor canadense; o contato com a tese de mestrado de Alexandre Bleau, *La crise chez Mallarmé et Debussy* (2007), deu nova dimensão à ideia de crise, trazendo a preciosa ideia de que crise é também assistir à multiplicação de escolhas sem, no entanto, poder escolher; a leitura, enfim, de *Sourcier ou cibliste* (2014), livro de Jean-René Ladmiral, foi peça-chave na aquisição de uma terminologia teórica bastante útil para explicar aspectos das traduções que, até então, estavam sendo tratados com vocabulário consideravelmente subjetivo.

A mais importante tomada de conhecimento veio, entretanto, em meados de julho do ano corrente, numa conversa informal com Leonardo Gandolfi, poeta e professor da UNIFESP, sobre alguns dos tópicos que volteiam as problemáticas discutidas neste trabalho: veio à tona mais um elemento fundamental que, como havia acontecido anteriormente, culminou num certo desvio do trilho até ali percorrido: a informação a respeito de uma quinta tradução do "Crise de vers", dessa vez portuguesa, de 2011, realizada por Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo, configurou, para os fins desta pesquisa, algumas novas possibilidades de trabalho comparativo e de compreensão para o que poderia estar por trás de um número tão expressivo de traduções do mesmo texto, produzidas num intervalo de tempo que mal raspa a risca dos cinco anos entre a primeira e a última publicações.

A tradução portuguesa, curiosamente mais alinhada ao tipo de tradução produzida por Ana de Alencar, deslocou o texto da brasileira do lugar quase que isolado em que se encontrava, frente às outras traduções; proporcionou um tipo de trabalho comparativo que ainda não havia sido feito e que tem, na terminologia sugerida por Ladmiral, uma nomenclatura talvez talhada mediante à ideia de embate: a distinção

entre um tipo de tradução *cibliste* – mais, digamos, autônomo, em relação ao texto de partida –, e um tipo *sourcier* – mais próximo daquele –, alinharia, agora, as traduções do texto mallarmeano em dois grupos opostos, os quais, apesar de ainda conversarem entre si, representam duas linhas distintas de leitura desse texto. Não somente: a tradução portuguesa vem também para afirmar com todas as letras o que havia apenas sido sugerido em outros momentos – o que se assistia acontecer, devido à explosão de estudos sobre a obra de Mallarmé, nos últimos anos: que o interesse no poeta francês, e mesmo o interesse que a crítica brasileira tem deitado a respeito dele, é reflexo de uma onda internacional de produções, à qual aquela responde, de seu lado, ora percebendo no poeta um caminho para pensar os próprios problemas, ora compreendendo-o como ponto-disparador para pensar questões relevantes a respeito do momento pelo qual passam os estudos literários.

Em decorrência de tais novos dados, fez-se necessária uma revisão pontual no artigo aceito pela *Revista Non Plus*, se não com o intuito de repropor as questões ali tratadas, antes com o de acrescentar, àquela dança de traduções, os passos apresentados pela tradução portuguesa. Na revisão aqui proposta, foram acrescentadas três obras à bibliografia – a saber, as previamente mencionadas, de Ladmiral, de Ana Cristina e de Schleiermacher –, além de três longos parágrafos discutindo a pertinência de algumas soluções contidas na nova tradução, da relação que esta estabelece com as outras e de uma breve reflexão sobre o que significa trazê-la para o jogo então empreendido. Foi imperativa, além disso, a realização de pequenos ajustes formais, em um ou outro momento, além de um ou outro acréscimo de citações. O resultado da reformulação a que teve-se de sujeitar o referido artigo encontra-se em anexo, no item 5 deste relatório.

2.3 Breve resumo das atividades acadêmicas desempenhadas no período

Ao longo desses sete meses de pesquisa – e em paralelo ao andamento deste trabalho – foram desenvolvidas algumas atividades acadêmicas que, de muitas maneiras, estão associadas às leituras aqui realizadas, à produção científica ora apresentada e à formação da bolsista enquanto estudante de Letras. Um bom exemplo disso é a organização dos três últimos números da *Revista Cisma*, de Crítica Literária e Tradução, junto aos demais membros do corpo editorial: o sexto, lançado em agosto do ano corrente, intitulado "É fácil ser fossa", no qual podem ser encontrada, entre outras coisas, um texto crítico argentino sobre a obra de Rubem Fonseca traduzido, do espanhol, pela bolsista; a "Edição especial Haroldo de Campos", composta por textos inéditos de Jacques Derrida, Octavio Paz, Cabrera Infante e João Cabral de Melo Neto;

e o sétimo número, "Onde a literatura não toca", a ser lançado no mês correspondente à entrega deste relatório, no qual constam, entre outros, traduções de poemas da austríaca Ingeborg Bachmann, além de alguns textos a respeito das intersecções entre literatura e artes visuais.

Foram organizadas, também, junto ao corpo editorial do mesmo periódico, duas mesas de discussão. A primeira delas, sobre poéticas contemporâneas do traduzir, tendo tido lugar na Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, no dia 12 de Agosto do ano corrente, aberta ao público, compôs-se pelos poetas e tradutores Marília Garcia e Dirceu Villa, além do professor da área de Antropologia (FFLCH/USP) e tradutor dos cantos ameríndios, Pedro Cesarino, sob mediação da mestrandia Tatiana Lima Faria, do programa de Literaturas Hispano-americanas, tradutora e coordenadora da editora estudantil *Malha Fina Cartonera*. A segunda, na Casa das Rosas, em São Paulo, como parte da programação do evento denominado *Hora H* (16/08/2015, aberto ao público), à propósito do poeta e tradutor Haroldo de Campos – um dos tradutores de Mallarmé –, em discussão que contou com a presença dos pesquisadores Gustavo Scudeller (UNICAMP), Diana Junkes Bueno Martha (UNESP) e mediação do poeta e pesquisador Renan Nuernberger (USP).

Por fim, cabe colocar que, em meados da primeira etapa concernente à duração desta pesquisa, a estudante foi aceita no programa de intercâmbio acadêmico da renomada instituição francesa *Université Paris-Sorbonne – Paris IV*, para cursar um semestre no exterior, mediante auxílio financeiro da Universidade de São Paulo – motivo pelo qual foi preciso alterar a vigência da bolsa conferida por esta agência, como será comentado no item seguinte. O período de intercâmbio, iniciado no mês de setembro (2015) com fim previsto para janeiro (2016), apesar de formalmente não fazer parte do ínterim concernente a este trabalho, proporcionou vivências e aprendizados interessantes na composição final do relatório aqui apresentado, na revisão final do artigo – já reiteradamente mencionado – e na compreensão de alguns outros aspectos pertinentes para um estudo sobre Stéphane Mallarmé.

Entre os cursos acompanhados na Sorbonne destacam-se "La poésie au XIXe siècle" (Bertrand Marchal) e "Théorie et histoire de la traduction" (Jean-Yves Masson), aquele contribuindo enormemente para a compreensão do momento em que Mallarmé produziu e do modo como se deu a recepção de sua obra à época, enquanto este para a melhor compreensão de alguns problemas enfrentados por tradutores e pela teoria da tradução ao longo da história. Bertrand Marchal, um dos mais importantes pesquisadores

de Mallarmé do momento, apresentou todo um panorama das relações entre poesia e filosofia no XIX, além de exemplos relevantes das obras de poetas que antecederam a produção mallarmeana, a saber, Lamartine, Vigny e Laforgue; também trabalhou o romance *À rebours* (1884), de J.-K. Huysmans, um dos responsáveis pelas consagrações de Mallarmé e de Verlaine. Jean-Yves Masson, por sua vez, propôs uma discussão no tocante aos textos "intraduzíveis" (textos fundadores, textos filosóficos etc), preocupando-se em levantar artifícios e instrumentos teóricos que poderiam tornar mais palpável, ou antes, mais produtivo, o trabalho que tem por objeto problemas de tradução (foi, aliás, através do curso de Masson que se deu um primeiro contato com o livro de Ladmiral, parte da atualização conferida à bibliografia deste trabalho).

3. Detalhamento das alterações de cronograma, discutindo eventuais dificuldades surgidas ou esperadas, quando for o caso

O surgimento da oportunidade de cursar um semestre no exterior trouxe, consigo, a necessidade de alterar significativamente o cronograma proposto a priori no projeto de apresentação ao qual diz respeito este trabalho. Inicialmente, a ideia era, conforme proposto no relatório parcial, interromper momentaneamente a bolsa de pesquisa durante o período correspondente ao intercâmbio e retomá-la quando do retorno ao país, dando a ela seguimento e garantindo, dessa maneira, que os resultados obtidos até o fim da primeira etapa fossem tratados de forma adequada e contribuíssem, em conjunto com os novos conhecimentos advindos do interstício na França e da segunda etapa de trabalho, para a conclusão desta empresa.

De acordo com aquele cronograma, os dois primeiros meses da segunda etapa (julho e agosto de 2015) seriam destinados à continuidade do estudo de fundamentação teórica que começou a ser feito no meio da primeira parte concernente ao caminho percorrido até aquele momento, bem como ao prosseguimento das análises textuais que vinham sido feitas desde o início; os cinco meses seguintes (entre o início de setembro de 2015 e o fim janeiro de 2016) seriam destinados à realização do intercâmbio, então já aceita pela universidade estrangeira; e os quatro meses finais (entre fevereiro e maio de 2016), seguintes ao retorno do período no exterior, seriam centrados na organização dos conhecimentos adquiridos ao longo da experiência internacional, juntamente com a finalização das análises textuais e a sistematização dos dados para que fosse redigido um novo artigo, a ser apresentado no Simpósio Internacional de Iniciação Científica da

USP (SIICUSP), bem como um relatório final que contaria com a estruturação de todo o processo da pesquisa.

Caso o pedido de interrupção da bolsa fosse aceito, o plano de trabalho para a segunda etapa previa a realização das atividades que se seguem:

Atividades/ Meses	jul	ago	set	out	nov	dez	Jan	fev	mar	Abr	mai
Estudo de fundamentação teórica	X	X	Período do intercâmbio acadêmico (estudo de fundamentação cultural)								
Análise de cada tradução brasileira e análise-comparativa entre as traduções	X	X						X	X		
Sistematização das análises	X	X						X	X		
Redação de artigo para apresentação								X	X	X	X
Elaboração de relatório final									X	X	X

Como, entretanto, o pedido não foi aceito, tendo sido necessária, então, uma alteração na vigência da bolsa, a qual, em vez dos onze meses inicialmente concedidos, passaria a contar apenas com sete – perda de um terço na duração de sua vigência original –, algumas alterações imprevistas tiveram de ser realizadas.

Passado pouco mais de um mês do início da segunda etapa quando da informação de que a pesquisa deveria ser encerrada ao final do sétimo mês (agosto), foram encontradas dificuldades para lidar, a um só tempo, com o surgimento de uma nova tradução do texto de Mallarmé, com a finalização das análises textuais (que a priori dispunham de ao menos mais três meses para serem produzidas) e com a finalização dos estudos de fundamentação teórica. Uma tal alteração no curso da pesquisa não apenas impediu que fosse produzido um novo artigo, mas também fez com que as análises textuais passassem a perder em detalhamento, sem mencionar o fato de que uma obra como o livro de Rancière, repetidamente citada desde o primeiro instante da pesquisa, não foi formalmente utilizada na escrita do artigo – ainda que tenha sido cuidadosamente examinada e vastamente explorada para fins de compreensão dos problemas aqui em jogo.

Com o objetivo de driblar tais reveses, elaborou-se um último reajuste de cronograma que, sumariamente, tenta enquadrar o plano anterior a um de duração mais

curta, optando por uma revisão do artigo inicialmente escrito, em que constariam novos dados fundamentais, além de alguma atualização na bibliografia, o que possibilitou assim, que tal artigo, possivelmente com pontuais alterações, tenha se tornado então aquele a ser apresentado no próximo SIICUSP, como consta na última atualização deste percurso:

Atividades/ Meses	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago
Delimitação do <i>corpus</i>	X	X					
Revisão da fortuna crítica	X	X	X				
Estudo de fundamentação teórica	X	X	X	X	X	X	
Análise de cada tradução brasileira e análise-comparativa entre as traduções	X	X	X	X	X	X	
Sistematização das análises	X	X	X	X	X	X	X
Redação e revisão de artigo para apresentação				X	X	X	X
Elaboração de relatório final					X	X	X

4. Bibliografia atualizada

Nota: a bibliografia abaixo diz respeito ao projeto em sua totalidade, e não apenas a este relatório.

ABES, Gilles. "Uma tradução de 'Crise de verso' de Mallarmé: a ótica do enigma como símbolo do texto literário". In: *TradTerm*, 16, 2010. p. 149-174.

AGOSTINHO, Larissa Drigo. *Mallarmé : les plis et déplis du hasard à la recherche de l'infini : poésie, philosophie et politique*. Dissertação de doutorado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV), 2015.

_____. *Mallarmé et l'anarchie : Critique de l'économie politique et esthétique dans les années 1890 en France*. 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/13147309/Mallarm%C3%A9_et_l_anarchie_Critique_de_l_%C3%A9conomie_politique_et_esth%C3%A9tique_dans_les_ann%C3%A9es_1890_en_France.

ALENCAR, Ana de. "Crise do verso". In: *Inimigo Rumor*, n.20. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*, org. Lucia Castello Branco. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Le surréalisme. Le dernier instantané de l'intelligentsia européenne*. Traduction de M. de Gandillac, Oeuvres, II. Paris : Gallimard, Coleção Folio, 2000.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Scheleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Traduzido por Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

BLEAU, Alexandre. *La crise chez Mallarmé et Debussy*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Estudos Superiores da Universidade de Montreal, 2007.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. "Tradução e ilusão". In: *Estudos Avançados*, v. 26, n. 76, 2012.

CAMPOS, Augusto de, CAMPOS, Haroldo de, PIGNATARI, Décio. *Mallarmé*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*, org. Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CESAR, Ana Cristina. *Escritos da Inglaterra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DERRIDA, Jacques. *Séminaire: la bête et le souverain*. Paris: Éditions Galilée, 2008.

_____. "La dissémination". In: *La dissémination*. Paris: Éditions du seuil, 1972.

EIRAS, Pedro; MARTELO, Rosa Maria. *Crise de versos*. Porto: Deriva Editores, 2011.

FALEIROS, A. S. *Traduzir o poema*. SP: Ateliê Editorial, 2012.

_____. "Três mallarmés: traduções brasileiras". In: *Aletria* (UFMG), v. 22, p. 17-31, 2012.

FONTES, Joaquim Brasil. *Os anos de exílio do jovem Mallarmé*. SP: Ateliê Editorial, 2007.

FOWLIE, Wallace. *Mallarmé*. Chicago: University of Chicago Press, 1969.

HAMEL, Jean-François. *Camarade Mallarmé. Une politique de la lecture*. Paris : Les Éditions de Minuit, Coleção Paradoxe, 2014.

ILOUZ, Jean-Nicolas. *Le symbolisme*. Paris: Librairie Générale Française, 2004.

LADMIRAL, Jean-René. *Sourcier ou cibliste*. Paris : Les Belles Lettres, 2014.

MALLARMÉ, Stéphane. *Contos Indianos*. Tradução de Dorothée de Bruchard. Apresentação de Dirceu Villa. São Paulo: Hedra, 2006.

_____. *Correspondance, Lettres sur la poésie*. Préface d'Yves Bonnefoy. Édition établie et anotée par Bertrand Marchal. Paris : Gallimard, 1999.

_____. *Divagações*. Tradução e apresentação de Fernando Scheibe. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

_____. *Écrits sur le Livre*. Établie par Henri Meschonnic. Paris : Eclat, 1998.

_____. *Igitur ; Divagations ; Un coup de dés*. Présentée, établie et annotée par Bertrand Marchal. Paris : Gallimard, 2003.

_____. *Oeuvres Complètes*. Édition établie et annotée par Bertrand Marchal. vol. 1 et 2. Paris : Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1998 et 2003.

_____. *Oeuvres Complètes*. Édition établie et annotée par Henri Mondor et G. Jean-Aubry. Paris : Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1945.

_____. *Poemas*. Organização e tradução de José Lino Grünewald. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1990.

_____. *Poésies*. Préface d'Yves Bonnefoy. Édition établie et annotée par Bertrand Marchal. Paris : Gallimard, Poésie, 1992.

_____. *Um lance de dados*. Introdução, organização e tradução por Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

MESCHONNIC, Henri. *Linguagem, ritmo e vida*. Tradução de Cristiano Florentino. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

_____. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PEYRE, Henri. *A literatura simbolista*. São Paulo: Cultrix-Edusp, 1983.

RANCIÈRE, Jacques. *Mallarmé: la politique de la sirène*. Hachette Littératures, 1996.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. "Sobre os diferentes métodos de traduzir". In: *Princípios* (UFRN), v. 14, n. 21, 2007.

SISCAR, Marcos. *Da soberba da poesia*. Campinas: Lumme Editor, 2012.

_____. *Poesia e crise*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ZULAR, Roberto. Apresentação. In: *Literatura e sociedade* (FFLCH/USP), vol. 18, 2014a.

_____. Apresentação. In: *Literatura e sociedade* (FFLCH/USP), vol. 19, 2014b.

5. Anexo

ALGUMAS TEMPESTADES ADENTRAM O PALÁCIO: CRISE, LEITURA E HISTORICIDADE EM QUATRO TRADUÇÕES DE MALLARMÉ⁴

A FEW STORMS PENETRATE THE PALACE: CRISIS, READING AND HISTORICITY IN FOUR TRANSLATIONS OF MALLARMÉ

Caroline Micaelia

⁴ A presente versão deste artigo difere da primeira – a ser publicada na *Revista Non Plus* – em razão do interesse em acrescer, ao rol de objetos inicialmente analisados, um outro: uma quarta tradução do poema-crítico; portuguesa, de 2011, realizada por Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo. A saber: EIRAS, Pedro; MARTELO, Rosa Maria. *Crise de versos*. Porto: Deriva Editores, 2011.

Resumo: Entre os últimos anos 1990 e os primeiros anos 2000 o curso interpretativo ligado à obra do francês Stéphane Mallarmé sofre uma leve perturbação: a valorização pela qual sua obra crítica passou nos últimos anos remodela, de certa maneira, não apenas o caminho percorrido pela recepção e pela tradução de seus trabalhos no Brasil, mas as próprias leituras que têm sido feitas, por toda parte, sobre o poeta. Em meio ao considerável fluxo de produções – nacionais e internacionais – que tocam essa reformulação crítica, os leitores brasileiros veem serem produzidas quatro traduções do mesmo texto mallarmeano, "Crise de vers" (1987), com brevíssimo intervalo entre publicações. Este trabalho pretende produzir, a partir de uma leitura historicizante da obra de Mallarmé e de uma concepção do texto que o compreende como construção movente, uma breve análise-comparada entre os projetos tradutórios envolvidos na transposição do referido poema-crítico ao português, sugerindo as possibilidades de interpretação depreendidas de cada tradução, com o objetivo de propor um indicativo de reflexão acerca do interesse que a crítica brasileira tem demonstrado a propósito da *crise de vers*.

Palavras-chave: Mallarmé, *Crise de vers*, tradução, leitura, historicidade, crise

Abstract: Between the late 1990's and the early 2000's, the interpretative course related to Stéphane Mallarmé's works passes through a slight disturbance: the appreciation by which his critical works have been through, the past few years, remodels, in a certain way, not only the patch crossed so far by the reception and the translation of his works in Brazil, but also the very readings that have being done all over the world about the poet. In the middle of a considerable flow of productions – either national and international – concerning this new critical reformulation, brazilian readers watch the production of four translations of the same mallarmean text, "Crise de vers" (1987), with a brief period between publications. This paper intends to build, from a historicizing reading of Mallarmé's works and a conception that understands the text as a mutable construction, a brief comparative-analysis about the translating projects involved on the transposing of the critical-poem to portuguese, suggesting the possibilities of interpretation inferred from each translation, with the main goal being to propose an indicative for a reflexion on the interest distillate by the brazilian critic regarding the *crise de vers*.

Keywords: Mallarmé, *Crise de vers*, translation, reading, historicity, crisis

14.

*de que maneira uma tradução
quando entra na língua de chegada
pode deslocar o corpo do que se escreve ali
e refazer a roda de leitura e produção?*

Carregando resquícios do que foram dois séculos das ressonâncias revolucionárias advindas do XVIII, a literatura francesa da conturbada década de 1940 ainda pensava encontrar nas revoluções do passado uma "doutrina da historicidade e um pensamento da política" (HAMEL, 2014: 64), conforme coloca Jean-François Hamel em seu *Camarade Mallarmé : une politique de la lecture* (2014). O caráter ainda romântico dessa tradição, longe de ser afastado pelas problemáticas em questão nos últimos anos da referida década, mais parece assombrá-los, impedindo que os terríveis acontecimentos desses anos pudessem ser lidos em outra chave que não a da lembrança de um tal passado. É nesse contexto, do ponto de contato entre o horror – *la Terreur* (HAMEL, 2014: 64) – da ocupação alemã na França durante a Segunda Guerra Mundial e os ainda presentes ares do passado revolucionário francês, que tem lugar o debate entre Maurice Blanchot e Jean-Paul Sartre a respeito da ideia de literatura engajada, do qual o protagonista será ninguém menos do que o poeta Stéphane Mallarmé.

A ideia de literatura engajada defendida por Sartre após o fim da Segunda Guerra implicaria um certo grau de responsabilidade e de comprometimento político que os escritores precisariam passar a ter em sua produção, especialmente em vista do que foi o cenário de tragédias relacionadas às ações dos regimes nazista e fascista europeus, e é claro, do enorme impacto que o período teve na França, então sob ocupação. De forma geral, Sartre acreditava que a construção de uma literatura pós-guerra que tivesse por missão a defesa da democracia caminhava na contramão do que tomou-se por um purismo em literatura, associado à figura de Mallarmé e de outros, tidos como influência direta para que os poetas *entre-deux-guerres* tivessem rompido com a sociedade e recusado a comunicação com seus contemporâneos. Reproposto por Blanchot, o problema da "autodestruição da linguagem" (HAMEL, 2014: 71) – ou mesmo da recusa na comunicação – ao qual esses poetas teriam sido vinculados, levaria Sartre a ponderar sua crítica a Mallarmé, reformulando-a no sentido oposto.

Blanchot vai ressaltar a necessidade do lugar de distinção que a arte deve ocupar frente ao mundo, vai dizer que a operação do poeta se dá através do mecanismo da recusa e que quando Mallarmé distingue a fala bruta ligada a isso que entende por "universal reportagem" (MALLARMÉ, 2003: 259, tradução minha)⁵, suficiente para

⁵ "universel *reportage*" (MALLARMÉ, 2003: 259).

ensinar, narrar e descrever, da palavra essencial, que remunera o defeito das línguas (2003: 253), ele produz um movimento violento na linguagem: coloca-se contra a corrupção das palavras (HAMEL, 2014: 80), responsável por privar a comunidade de uma fala essencial⁶. Para Blanchot, a obra de Mallarmé se apresentaria como ilustração de uma violência por parte da linguagem, como uma negatividade com origem no mal-estar revolucionário pós-século XVIII, isto porque sua recusa da comunicação consistiria num abalo no *modus operandi* da retórica como instrumento de transmissão sujeito ao domínio de quem ocupa os lugares de poder, uma recusa que se constitui no sentido de libertar a arte da submissão que a ela quiseram imprimir, que denuncia as ligações, historicamente construídas, entre a liberdade sem regras da linguagem e a liberdade desumana dos homens (HAMEL, 2014: 92). Diante da argumentação de Blanchot, Sartre reelaborará suas colocações, passando a entender a tarefa mallarmeana como um trazer à luz a impossibilidade de um engajamento por parte da literatura numa situação política como aquela na qual o poeta se encontrava em fins do XIX.

A discussão entre Sartre e Blanchot se envereda por outros caminhos que, em alguma medida, ainda terão em Mallarmé uma peça chave para o pensamento acerca de um engajamento na literatura dos últimos anos 40. O que nos interessa aqui, penso, não é exatamente entrar no mérito do que estava em questão para Sartre e para Blanchot⁷, mas antes perceber, a partir do reduzidíssimo relato acima esboçado, o quanto a obra de Mallarmé – ou mais precisamente, as leituras⁸ da obra de Mallarmé –, contribuíram para a construção dos discursos de uma época, e também para a construção da própria memória dos debates em questão naquele momento. Não só: o início de um

⁶ E aí, naturalmente, há que se ressaltar a potência dessa "fala essencial" na poética de Mallarmé. Para se ter uma ideia, diz o poeta, em "Crise de vers": "As línguas imperfeitas no que muitas, falta a suprema: pensar sendo escrever sem acessórios, nem sussurros, mas tácita ainda a imortal fala, a diversidade, sobre terra, dos idiomas, impede que se profira as palavras que, não fosse isso se encontrariam, por um talhe único, ela mesma materialmente a verdade." (tradução minha para o trecho "Les langues imparfaites en cela que plusieurs, manque la suprême : penser étant écrire sans accessoires, ni chuchotement mais tacite encore l'immortelle parole, la diversité, sur terre, des idiomes empêche personne de proférer les mots qui, sinon se trouveraient, par une frappe unique, elle-même matériellement la vérité"). Para Mallarmé, no mesmo trecho, o verso "filosoficamente remunera o defeito das línguas, complemento superior" (MALLARMÉ, 2003: 252).

⁷ Discussão que, aliás, já se esboça no belo ensaio que Marcos Siscar escreve sobre o porquê de se reler Mallarmé hoje, intitulado "O túnel, o poeta e seu palácio de vidro". Cf. SISCAR, Marcos. *Poesia e Crise*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

⁸ Há aqui alguma graça em tratar as aparições deste termo, no decorrer do artigo, em seu múltiplo sentido.

esfacelamento da oposição entre uma "concepção autorreflexiva da literatura, pautada por uma busca infinita de sua essência em meio à agonia da experiência da linguagem, e uma concepção ativista, aberta à exterioridade eventual e revolucionária do mundo social" (HAMEL, 2014: 102, tradução minha)⁹ interessa enquanto potencialidade para a instauração de caminhos pelos quais poderão passar muitas das subseqüentes leituras dessa obra; potencialidade não só ligada ao que os escritos de Mallarmé dizem sobre nosso presente, mas também a uma possível configuração – suscetível a outras tantas reconfigurações – da compreensão que temos no tocante ao que então poderia estar em jogo para o poeta.

Não é demais ressaltar que, embora estivesse muito ligada à tradição, a obra de Mallarmé possui uma iminência de futuro (num certo sentido, um deslocamento em relação ao seu próprio tempo, ou ainda, se quisermos, uma espécie de projeção para as décadas seguintes) que incomodava, inclusive, muitos de seus contemporâneos¹⁰; se, entretanto, nos lembrarmos da ilustração que Walter Benjamin apresenta, em "Notes sur le *Tableaux parisiens* de Baudelaire", há algum interesse em pensar obras como as de Baudelaire ou de Mallarmé "como um tipo de chave, confeccionada sem a menor ideia da fechadura em que um dia ela poderia ser introduzida" (BENJAMIN, 2000: 119, tradução minha)¹¹. Daí também a relevância de ter em conta, para uma reflexão sobre ambos os movimentos anteriormente mencionados – o de ler o presente no passado e o de ler o passado no presente (HAMEL, 2014: 15) –, não só a obra do poeta em si, mas os sucessivos modos de compreensão relativos a ela ao longo dos anos; cabe, ademais, colocar que os próprios atos de leitura e de interpretação constituem, do mesmo modo, atos de memória, fundamentais à compreensão – ou melhor, a certo¹² tipo de compreensão – a respeito do texto, salvo quando aí jogados, preto no branco, dando início a um processo inevitável de cristalização que vai, conseqüentemente, conduzir a leitura do texto ao anacronismo.

A validade de refletir sobre a obra de Mallarmé – e, aliás, sobre a de qualquer outro escritor consagrado ou em vias de consagração, parte constitutiva de uma

⁹ "une conception auto-réflexive de la littérature, arquée sur la poursuite infinie de son essence à travers l'angoisse de l'expérience langagière, et une conception activiste, ouverte à l'extériorité événementielle et révolutionnaire du monde social." (HAMEL, 2014: 102)

¹⁰ Entre os quais Degas, segundo menciona Fernando Scheibe, no texto introdutório de seu *Dinagações* (2010): "conta-se que foi durante sua conferência [de Mallarmé] – 'mesmo oração fúnebre' – sobre Villiers de l'Isle Adam, proferida em 1890 no salão de Berthe Morisot, que Degas saiu revoltado, exclamando: - 'Não compreendo nada disso, nada!'" (MALLARMÉ, 2010: 11)

¹¹ "comme une sorte de clé, confectionnée sans la moindre idée de la serrure où un jour elle pourrait être introduite" (BENJAMIN, 2000: 119).

¹² Que não só pretende ler o texto, mas também seu movimento, como discutirei na seqüência.

memória cultural largamente compartilhada (HAMEL, 2014: 35) – sob tais premissas mora na ideia, muito cara a autores como Henri Meschonnic¹³, de que um texto só existe quando lido, ou seja, de que o texto se reconfigura a cada leitura pois que as próprias condições de leitura mudam, resumidamente: ele não é o mesmo em momentos históricos diferentes, não só pelas transformações de ordem sócio-político-filosóficas, mas também pelas de ordem linguística; ele não é o mesmo se lido por pessoas de estratos sociais diferentes, de gêneros diferentes, de idades diferentes e, em geral, com experiências de vida diferentes; ele não é o mesmo se lido em lugares diferentes, por pessoas de nacionalidades distintas; e, por conseguinte, ele certamente não é o mesmo quando traduzido para línguas diversas daquela em que primeiro habitou.

Entendendo nessa ideia um dos pressupostos latentes¹⁴ para a construção de um debate a respeito da questão da voz, Roberto Zular colocará que o texto não é, portanto, estanque, mas movente, e que sua permanência vincula-se de maneira intrínseca a um contínuo – visualmente, a uma fita de möbius – entre instabilização e estabilidade; ele produz uma ontologia variável (2014b: 73) que se mantêm em ressonância. Seguindo esse esquema, ler um texto significaria, então, ler o ritmo das transformações desse texto, ou seja, produzir uma intersecção, um campo possível de sentido entre o que se entende por autonomia do texto literário e o que é tido por variabilidade ontológica. O modo como a dimensão textual se resolveria com a dimensão histórica abre assim um precedente para que, desde a possibilidade de estanciar uma tensão, uma enunciação se produza¹⁵; em outras palavras, encontrar uma maneira de escapar ao tudo ou nada envolvido no lance entre essas duas dimensões pode passar, justamente, por um lugar em que a diferença entre elas seja produtiva, em que a leitura do texto seja também a leitura do ritmo das transformações que o atravessam, em que o caráter performativo do texto não se perca, fazendo com que seus modos de funcionamento passem a operar sob a égide de uma experiência rígida. Nas palavras de Zular, penetradas por sua leitura de "O mármore e a murta" (2002), do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, ler seria também – e especialmente em se tratando de Brasil – uma experiência corporal:

¹³ Menciono Meschonnic, neste trecho, pois que as noções de "historicidade radical da linguagem", "oralidade" e "ritmo" que o autor desenvolve em *Linguagem, ritmo e vida* – e que exigiriam um outro ensaio para que fossem abarcadas com a complexidade que lhes é de direito – permeiam a ideia sobre a qual discorro neste parágrafo (2006: 10, 15, 36, 43 *et seq.*).

¹⁴ Os outros dois relacionar-se-iam às ideias de Émile Benveniste e Paul Zumthor – respectivamente, sobre "voz como lugar de enunciação" e sobre "vocalidade e performance" –, de certa maneira também subentendidos aqui.

¹⁵ Sobre isso, Zular dirá ser através da voz que conseguimos conflagrar a possibilidade da existência dessa enunciação que se produz a partir de uma tensão pois que a voz que estabelece essa "divisão paradoxal" é também ela capaz de instaurar um limiar entre essas oposições (ZULAR, 2014a: 76).

(...) pensar os textos como a construção estrutural de uma multiplicidade de posições em uma mesma voz que poderia ser ocupada por diversos corpos, como se um poema fosse uma espécie de pele que pudesse ser vestida por muitas pessoas, como se o poema produzisse outra voz na nossa voz, como se lêssemos para produzir essa diferença intensiva na própria voz. (2014b: 71)

Analogamente, o que está em jogo no ato de traduzir – e entendendo a tradução não só no que toca o âmbito de seu fazer artístico, mas mesmo como gesto crítico, jamais dissociado de um gesto interpretativo – é, rigorosamente, a objetivação de uma ressonância, e mais: o modo como, em meio a tal objetivação, a movência da língua encontra a movência do texto. Em tradução, estar atento ao ritmo das transformações do texto de partida significa visualizar, como numa fotografia de Henri Cartier-Bresson, a diferença entre o que veio antes e o que virá depois, posto que o elemento de estranheza que torna a obra algo extraordinário àquele momento da língua e do texto – e, certamente, ao momento no qual encontravam-se a língua e o texto quando da origem da obra – duplica-se na ocasião de sua tradução; nas palavras de Antoine Berman em *A prova do estrangeiro* (2002), "a estranheza nativa da obra se redobra de sua estranheza (efetivamente acrescida) na língua estrangeira" (2002: 22). Num sentido parecido, quando Meschonnic nos diz, em seu *Poética do traduzir* (2010), que "o ritmo, organização do movimento da palavra na escritura, é então a unidade de equivalência numa poética da tradução" (MESCHONNIC, 2010: 63)¹⁶, o que imediatamente se coloca em evidência é uma noção dialética e viva do ato de traduzir – e do próprio texto –, responsável por permitir uma distinta aproximação à obra, um acesso a ela de uma ordenação outra.

Traduzir teria que ver, pois – e ainda considerando as colocações de Zular –, com estar na lógica da metonímia: há que se escolher, entre linhas de força, um caminho pelo qual seguir – um projeto¹⁷. E isto significa dizer, em última instância, que a objetivação dessa ressonância que é o texto não acontece ao acaso, mas passando, antes, pela eleição, entre um leque de possibilidades, dos aspectos que, para o tradutor e para a época em que se produz o texto de chegada – sem que aquele perca de vista a historicidade do texto de partida –, pareçam mais expressivos. De tal maneira – e aí

¹⁶ Parece aqui produtivo mencionar, para uma compreensão mais ampla dos problemas tratados por Meschonnic que, em algumas das traduções de sua obra ao português, o termo "palavra", do francês "parole", foi traduzido por "voz", como é o caso em: MESCHONNIC, Henri. *Linguagem, ritmo e vida*. Tradução de Cristiano Florentino. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006. p. 43. Com esse mesmo intuito, Álvaro Faleiros, em sua leitura deste texto, lembrou que a tradução por "fala" é também produtiva, especialmente se tivermos em conta que Meschonnic era um grande leitor de Benveniste.

¹⁷ E de forma alguma, vale ressaltar, um relativismo que a tudo outorgaria status de validade.

replicando num senso todo outro o movimento produzido por Sartre e Blanchot na França dos anos 40 –, faz-se pertinente pensar as implicações de uma leitura que se construa não a partir da produção de um texto crítico *ipsis literis* – ou de textos críticos –, mas da produção de uma tradução (que por si só já parte de uma leitura), ou ainda melhor, a partir de um conjunto de traduções diversas da obra de um mesmo autor¹⁸. E se, nesse caso, as consequências dessa leitura já parecem de antemão valiosas, o que pensar de uma que esteja apoiada em várias traduções do mesmo texto de um autor, com o adendo de terem sido todas produzidas por tradutores diferentes e publicadas num irrisório intervalo de tempo entre uma e outra? Esta suposição, por mais peculiar que pareça, corresponde a uma das nuances que compõem o quadro da recepção e do pensamento crítico sobre a obra de Mallarmé no Brasil dos primeiros anos do século XXI¹⁹.

O poema-crítico "Crise de vers" (1897), um dos textos fundamentais de Mallarmé e ponto central para a construção dos discursos em torno da referida nuance, discutirá uma irritação conflituosa no verso, evidenciada com a morte de Victor Hugo – ou com aquilo que ela simbolizava: o fim de um ciclo histórico do verso, uma espécie de libertação ou reconquista do que havia sido interdito pela autoridade de um único grande poeta: a possibilidade, não só de se expressar, mas de se modular. No texto, Mallarmé serve-se de um uso idiossincrático da pontuação, bem como da infração de algumas regras básicas da língua – permitindo a queda de elementos funcionais e rompendo com a associação entre sujeito, verbo e complemento (SISCAR, 2010: 97) –, para, por meio desta estratégia retórica ligada à fragmentação e da inserção de si mesmo numa posição de "testemunha da aventura"²⁰ empreendida pelo verso livre simbolista, observar a mencionada perturbação no verso e propor um diagnóstico a respeito do estado de crise no qual o verso livre lança as concepções tradicionais da poesia; o poeta formula também uma teoria crítica do verso, da qual a modernidade excederia em muito o momento próprio do simbolismo. Na construção de "Crise de vers", junta-se à peculiaridade no uso da pontuação "o risco constantemente assumido do paradoxo entre o jorro e a contenção, transformando frases acessórias em apostos, expressões explicativas e palavras isoladas em termos com valor metafórico ou conceitual" (SISCAR, 2010: 97); arte de continuidade e corte que caracteriza não só a prosa

¹⁸ Como faz Álvaro Faleiros, em "Três Mallarmés: traduções brasileiras" (2012). Cf. FALEIROS, Álvaro. "Três mallarmés: traduções brasileiras". In: *Aletria* (UFMG), v. 22, 2012. p. 17-31.

¹⁹ Álvaro Faleiros, no ensaio previamente mencionado, chamará o momento de "terceiro Mallarmé" (FALEIROS, 2012: 26).

²⁰ "témoin de cette aventure" (MALLARMÉ, 2003: 249).

mallarmeana, mas também o modo como o poeta por vezes delinea sua própria prática de versificação.

Tendo sido já muito referenciado na produção de Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari ao longo dos textos que teceram e acompanharam o desenrolar do programa vanguardista da poesia concreta, o poema-crítico de Mallarmé só vai ganhar sua primeira tradução ao português no ano de 2008, quando Ana de Alencar publica seu "Crise do verso", no número 20 da revista *Inimigo Rumor*. Simultaneamente ao processo dessa publicação (entre os anos de 2007 e 2010), Marcos Siscar apresenta em seminários e publica, no primeiro volume da revista *Modo de Usar & Co.* (2009), o célebre ensaio "Poetas à beira de uma crise de versos", no qual desenvolve uma das questões fundamentais do texto de Mallarmé – assunto que aparece desde o título – dialogando diretamente com a tradução de Alencar no que toca sua opção por "Crise do verso", e não "Crise de verso" ou "Crise de versos" que, de acordo com o autor, seriam títulos mais alinhados ao projeto poético mallarmeano. O último dado de publicação do ensaio de Siscar data de 2010, com o lançamento de seu livro/compilação de ensaios *Poesia e Crise*, no qual, vale lembrar, há também um texto importante sobre as traduções de Mallarmé, intitulado "Traduzir Mallarmé é o lance de dados", além de outro, "O túnel, o poeta e seu palácio de vidro"²¹, especialmente sobre a publicação da primeira tradução completa de *Divagations* (1897), por Fernando Scheibe, livro que abarca a prosa crítica de Mallarmé – incluindo "Crise de vers" –, sob o título de *Divagações* (2010), entre as quais "Crise de verso". No mesmo ano de 2010, Gilles Abes publica sua própria colaboração, seu "Crise de verso", introduzido por um texto crítico de título "Uma tradução de 'crise de verso' de Mallarmé: a ótica do enigma como símbolo do texto literário", enquanto no ano seguinte, 2011, os portugueses Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo encerram, até o presente momento, o encadeamento dos eventos ligados ao referido texto, publicando a mais recente tradução de que se tem notícia, "Crise de versos".

O interessante é que, considerada a proximidade entre os anos de publicação, as traduções de Alencar, Scheibe, Abes e Eiras/Martelo apresentam maneiras de ler Mallarmé muito diferentes entre si, indicadas desde as próprias escolhas lexicais feitas por cada autor até o modo como cada um lida com as dificuldades entranhadas na prosa do poeta francês, a qual, como nos lembra Dirceu Villa em estudo inédito, reflete "a

²¹ Vale mencionar que tanto "Traduzir Mallarmé é o lance de dados" como "O túnel, o poeta e seu palácio de vidro" foram também publicados, respectivamente, na tradução de Álvaro Faleiros para o seminal *Um lance de dados* (2013) e na tradução de Fernando Scheibe para o *Divagações* (2010).

exigência de sua técnica [que] se combinava de modo indissociável a uma profunda elaboração mística do discurso, e é assim que o próprio Mallarmé falava de si como *syntaxier*, ou poeta de virtude sintática". Na tradução de Alencar, por exemplo, parece estar em pauta uma compreensão muito particular do modo como a sintaxe mallarmeana poderia abraçar a língua portuguesa, o que resulta, muitas vezes, em construções radicalmente diferentes das propostas pelos outros tradutores, caso do trecho "que **vers il y a** sitôt que s'accentue la diction, rythme dès que style", que Alencar traduz por "de que **há verso** tão logo acentuada a dicção, ritmo tão logo estilo", enquanto Scheibe opta por "que **verso há** tão logo se acentua a dicção, ritmo desde que estilo" e Abes por "que **verso há** tão logo se acentua a dicção, ritmo tão logo estilo"²². A proposta de Alencar, nesse caso, se realiza através de um processo de *racionalização*, "recompondo as frases e sequências de frases de maneira a arrumá-las conforme uma certa ideia da *ordem* de um discurso" (BERMAN, 2007: 48)²³, o que conduziria a arborescência do texto de partida a uma linearidade que lhe seria pouco familiar – isso sem mencionar a inferência incisiva no ritmo do texto mallarmeano, aspecto que, segundo Ana Cristina Cesar, em *Escritos da Inglaterra* (1988), estaria diretamente ligado a reordenações sintáticas produzidas no texto de chegada (1988: 97).

Um outro exemplo desse movimento pode ser encontrado quando nos deparamos com o trecho

Le besoin de poétiser, par opposition à des circonstances variées, fait, maintenant, après un des orgiaques excès périodiques de presque un siècle comparable à l'unique Renaissance, ou le tour s'imposant de l'ombre et du refroidissement, pas du tout ! que l'éclat diffère, continue

traduzido por Alencar como

Agora, após um desses orgíacos excessos periódicos de quase um século comparável ao único Renascimento, ou o retorno que impõe a sombra e o arrefecimento, **a necessidade de poetizar, por oposição a circunstâncias variadas, faz** com que nada o resplendor difira, continua

por Scheibe,

²² A escolha de Eiras/Martelo para o referido trecho - assim como um número considerável de outras escolhas ao longo dessa tradução -, ecoa, em alguns aspectos, a de Ana de Alencar. É certo que o movimento que farão tomará, em muitas medidas, uma outra orientação, como ficará claro mais adiante neste mesmo artigo, mas o fato é que soluções como a do referido trecho, para o qual os tradutores portugueses vão propor "que **há verso** assim que se acentua a dicção, ritmo assim que o estilo", revelam uma dívida incontornável para com o texto da brasileira.

²³ Segundo Berman, uma das tendências deformadoras dos textos, que aparecem em toda a tradução, impedindo-lhe de atingir seu verdadeiro objetivo.

A necessidade de poetizar, por oposição a circunstâncias variadas, faz, agora, após um dos orgíacos excessos periódicos de quase um século, comparável à única Renascença, ou a vez se impondo da sombra e do resfriamento, de modo algum! que o brilho difere, continua

por Abes,

A necessidade de poetizar, por oposição a circunstâncias variadas, faz, hoje, após um dos orgíacos excessos periódicos de quase um século comparável ao único Renascimento, em que o tour se impondo da sombra e do esfriamento, de forma alguma! que o resplendor difere, continue

e por Eiras/Martelo,

A necessidade de poetizar, por oposição a várias circunstâncias, leva a que, agora, após um período de excessos orgíacos de quase cem anos, somente comparável à Renascença, e após a dobra que se impõe de sombra e arrefecimento, de maneira nenhuma o fulgor se desvie, mas antes continue

A ordem elaborada por Alencar, nesse caso, além de comprometer a arborescência do excerto, atribui destaque a um elemento que, no texto de partida, aparece mais como mediador: ora, se a ênfase do trecho parece estar na relevância que o então novo momento da necessidade de poetizar teria em relação à tradição desta necessidade, em outras palavras, no fato de que o momento então atual não deixaria nada a desejar para a tradição ("pas du tout ! que l'éclat diffère, continue"), a ênfase dada por Alencar parece estar, ao contrário, justamente no realce da tradição em relação ao novo momento. Pode se dizer que a solução sugerida pela tradutora, ao reordenar os períodos do referido trecho, aponta para uma argumentação menos conciliadora do que aquela adotada por Mallarmé.

Não obstante, na tradução de Alencar podem ser encontradas, também, escolhas lexicais que, apesar de parecerem ter um eco, ainda que já bastante distante, das leituras dos concretos, não seguem exatamente essa busca por "recursos expressivos e soluções 'válidas' em português", a qual Álvaro Faleiros, no texto introdutório para a mais recente tradução de "Un coup de dés jamais n'abolira le hasard" (1974), também realizada por ele, descreve como prática corrente dessa poética do traduzir, mas precisamente uma busca por soluções que em alguma medida se alinham à tradição de leitura desse texto – a saber, a uma tradição que muitas vezes trata o poeta tomando por base o problema do "hermetismo", a rejeição da vida e da realidade, à qual ele foi associado. Um bom exemplo disso encontra-se logo no início do texto, no uso que

Mallarmé faz do termo "brochures", que Alencar traduzirá para "opúsculos", enquanto os outros três preferirão "brochuras". O afastamento que o texto de Alencar produz em relação ao de Mallarmé, em decorrência da *racionalização* sintática e do *enobrecimento*²⁴ lexical, apresenta-se, entretanto, de forma coesa ao longo de todo o projeto: a sintaxe e o léxico, apesar de não se alinharem estritamente ao texto mallarmeano, parecem ter influência desse tom que Alencar, em sua "nota do tradutor", diz ser "toda uma entonação do registro falado nesse texto tão trabalhado" (2008: 163). Características como essas, que parecem brincar com o tom de "conferência" – que, aliás, grande parte dos fragmentos de fato possui²⁵ –, em conjunto com a ideia de que a própria personificação do verso, Victor Hugo, não é apenas um poeta mas também um político, trazem à tona não só a crise do verso como crise de um modo de articulação, mas a crise em que então se encontravam as próprias relações público-privadas, com a questão operária, a onda anarquista, o anti-clericalismo (ALENCAR, 2008: 163); adversidades que não parecem fechadas em si mesmas, sem gerarem consequências para a linguagem e sem serem atingidas por uma crise na linguagem. Em suma, o texto de Alencar parece então convergir, justamente, para as implicações de uma crise do verso, e mesmo para o grau de alcance que uma perturbação na própria forma do verso poderia produzir.

Em comparação com a tradução de Alencar, a de Scheibe constrói-se de maneira muito mais alinhada ao texto de Mallarmé, incorrendo, por vezes, num alinhamento até extremo, que acarretaria a ocorrência de ruídos produzidos no texto de chegada, de modo a provocar uma sensação artificial que de maneira nenhuma se ligaria ao "registro falado" do qual trata Alencar. Exemplificando: no trecho inicial do texto, quando Mallarmé diz "tout à l'heure, en abandon de geste, avec la lassitude que cause le mauvais temps désespérant une après l'autre après-midi, je fis retomber, sans une curiosité mais **ce lui semble avoir lu** tout voici vingt ans...", Scheibe propõe, para a parte final, a solução "mas **parece-lhe ter lido** tudo eis já vinte anos...", enquanto Alencar escreve "mas **como se houvesse lido** tudo há vinte anos...", Abes, por sua vez, "mas **parece ter lido** tudo há vinte anos" e Eiras/Martelo, "e **com a sensação de já ter lido** tudo há vinte anos". O estranhamento causado pelo pronome oblíquo "lhe" – que, em português, indica a presença de uma terceira pessoa –, diz respeito ao fato de que o uso da terceira pessoa do singular, no francês, configura muitas vezes apenas uma não

²⁴ Outras duas tendências deformadoras das quais fala Berman.

²⁵ Alguns dos fragmentos que compõem "Crise de vers" foram efetivamente apresentados por Mallarmé em conferências nas universidades de Oxford e de Cambridge.

manifestação de sujeito, e não propriamente a existência de uma terceira pessoa: diferentemente do português, o francês, como o inglês, requisita a presença do sujeito mesmo para frases como "il pleut", que em português seria simplesmente "chove". Um outro exemplo desse problema pode ser observado em "Témoins de cette aventure, où l'on me voulut un rôle plus efficace **quoiqu'il ne convient à personne...**", que Scheibe traduz para "Testemunha dessa aventura, em que me quiseram um papel mais eficaz **ainda que ele não convenha a ninguém...**", Alencar para "Testemunha de tal aventura, em que me quiseram um papel mais eficaz, **embora não coubesse a mais ninguém...**", Abes para "Testemunha desta aventura, em que me quiseram um papel mais eficiente **se bem que não convenha a ninguém...**" e Eiras/Martelo para "Testemunha desta aventura, em que me atribuíram um papel mais decisivo **do que convém, ou do que conviria a qualquer autor**".

Num outro sentido, o teor dessa preocupação com a similaridade em relação ao texto de partida também provoca estranhamento nos momentos em que, havendo uma palavra como "voler", que em francês pode significar tanto "voar" como "roubar", Scheibe preocupa-se em costurar, em meio ao texto, as duas opções, sem menção de optar por uma ou por outra, como indica o trecho "(...) et statue du moindre effort pour simuler la versification, à la manière des codes selon quoi s'abstenir de **voler** est la condition par exemple de droiture", de Mallarmé, que Scheibe vai transpor em "(...) e estatui o menor esforço para simular a versificação, à maneira dos códigos segundo os quais se abster de **roubar/voar** é a condição por exemplo de retidão". Ainda que num primeiro momento essa necessidade de tudo dizer pareça atropelar – e, em última análise, acabe atropelando – a economia do texto, há certo interesse em pensar que ela está afinada ao projeto tradutório de Scheibe, haja vista sua compreensão de que as palavras do texto mallarmeano "nos intimam a *devoir*, bem mais do que nos incitam a *compreender*" (MALLARMÉ, 2010: 9), conforme a epígrafe de Paul Valéry, que introduz o texto de apresentação de *Divagações*. Com uma proposição como esta, Scheibe parece pretender um pensamento mais filosófico acerca da produção do poeta, compreendendo, como Siscar, que o texto não trata de uma crise do verso enquanto forma, mas da evidência, em meio à busca de um pensamento sobre as possibilidades políticas da poesia (MALLARMÉ, 2010: 10), de que esta crise se estabelece como manifestação não somente de um *contexto*, mas de um *discurso* (de um projeto e de uma retórica) da época moderna (SISCAR, 2010: 112).

Partindo de um pressuposto parecido com o de Scheibe no que toca esse "devir" valéryano²⁶, mas utilizando-se de mecanismos outros, Abes também se preocupa com a polissemia de alguns dos termos utilizados por Mallarmé, e a despeito da crítica que faz a Ana de Alencar, muito se vale dos dois projetos para entrançar os arranjos de seu "Crise de verso". Para Abes, os elementos da escrita mallarmeana desvelariam-se nas entrelinhas do texto, "como símbolos que formam a tessitura invisível e impenetrável do enigma"²⁷ (ABES, 2010: 153), o qual seria o cerne das escolhas do tradutor, de modo que o que parece estar em jogo neste texto seria antes as possibilidades teóricas para uma tradução da prosa de Mallarmé do que o "Crise de vers" em si. O trabalho do tradutor, neste terceiro projeto que circunda o texto do poeta francês, leva a compreensão da tradução como gesto crítico a um limite: muitas vezes as soluções não se resolvem unicamente no enlaçar do texto poético, fazendo com que a polissemia precise ser transmitida através de uma nota de rodapé, como na passagem em que Mallarmé escreve "la littérature ici subit une **exquise** crise, fondamentale", que Abes resolve com "a literatura aqui sofre uma **requintada** crise, fundamental", explicando, ao pé da página, que

em francês: "une exquisite crise". O adjetivo "exquis" significa, ao mesmo tempo, delicioso, raro, sutil. Houve grande dificuldade em se encontrar termo equivalente. Escolhemos, então, o termo "requintada", por parecer abarcar sentidos próximos ao adjetivo em francês. (2010: 165)

Cabe colocar que, de certa forma – e malgrado algumas de suas críticas a Alencar irem exatamente nesse sentido – o movimento aí caminha justo na direção de um esclarecimento do texto mallarmeano, pois, em vez de propor uma solução que possa dar conta da multiplicidade de sentidos depreendidos pelo termo "exquise", dissolve-o, antes, em possibilidades, abrindo-o para leituras e, no entanto, aliviando um mecanismo de funcionamento próprio do texto de Mallarmé, a saber, uma espécie de significação tensa, potencial, ou, como bem percebe Abes, enigmática. E ainda que o tradutor opere aí justo no sentido oposto de uma das premissas de seu próprio projeto tradutório, a contradição, neste caso, não parece se apresentar como grande problema, isto porque o próprio Abes, em certo momento de seu ensaio, menciona fazer opção

²⁶ Que Abes chamará "sugestão" (ABES, 2010: 152). Qualquer que seja a nomenclatura empregada ou a ênfase dada para discutir esse procedimento, não parece demasiado lembrar que ele estaria, num primeiro momento, estreitamente ligado à noção de "símbolo", de onde deriva o nome do movimento estético em que Mallarmé tem sido inserido através dos anos e do qual teria sido mestre.

²⁷ O enigma, para Blanchot, teria por fonte "o vazio, a falta, que é o objeto da criação" (*Apud* BLANCHOT, 2010: 149).

pelo rodapé "por mais que Umberto Eco veja nisso uma prova de fracasso da parte do tradutor." (2010: 162) Com efeito, localizando-se muito mais próximo de um trabalho ligado à prática da retradução, à pesquisa teórica, a um pensamento sobre possíveis maneiras de traduzir que possam estar em consonância com um texto de Mallarmé, a empreitada percorrida por Abes dá margem a práticas mais elucidativas – ainda que ele reitere mais de uma vez o fato de que sua compreensão a respeito da obra do poeta francês volteia a imagem do "enigma" –; ela conflagra os dois primeiros projetos, reverenciando criticamente o interesse de suas escolhas e visitando, de sua parte, outra trilha viável rumo ao seu próprio lugar, junto às demais, na criação de uma coreografia possível para pensar-encenar esse texto.

O trabalho de Eiras/Martelo, na contramão do que propõe o de Abes²⁸, parece centrar as preocupações na própria matéria do "Crise de vers", o que por vezes dá à tradução um caráter talvez mais elucidativo, fazendo com que ela, muitas vezes, fique à beira de um gesto que deslinda o texto²⁹. Pode-se dizer que Abes e Scheibe, por estarem mais presos ao texto fonte, acabam por destrinchá-lo na tradução, pois que, em alguns momentos, impenham-se em replicar nela as diversas possibilidades para um ou outro elementos específicos; o tipo de esclarecimento que acontece em Eiras/Martelo, por outro lado, relaciona-se, antes, com a maneira como Alencar racionaliza algumas sentenças mallarmeanas, desfazendo-lhes a arborescência com o intuito de quebrar um pouco o possível efeito canhestro que uma tradução mais *sourcière*³⁰ causaria – com a diferença que Eiras/Martelo, numa operação diversa da de Alencar, desfazem as árvores sintáticas reconstruindo-as numa espécie de reconfiguração que permite ao texto uma construção depreendida da lógica do português, a qual, entretanto, consegue conservar, em alguma medida, a dicção mallarmeana³¹, ou, nas palavras do filósofo polonês Friedrich Schleiermacher, consegue transmitir

o que ao leitor sensível da obra original impressiona nesse aspecto como característico, intensionado e eficaz quanto ao tom e à

²⁸ Apesar disso, os portugueses não deixam de comentar criticamente o percurso de produção envolvido no projeto, conforme demonstra a "Nota de leitura" apresentada ao fim da publicação. É preciso lembrar também que, como o de Abes, esse projeto é, também, muito ligado à prática da retradução.

²⁹ Mesmo que de uma forma bastante diferente do modo como isso acontece na tradução de Fernando Scheibe, conforme expus anteriormente.

³⁰ Para me utilizar dos termos "sourcier" e "cibliste", de Jean-René Ladmiral, que referem-se, respectivamente, a um tradutor ou a uma tradução mais presos ao texto de partida e outros mais soltos em relação a este. Cf. LADMIRAL, Jean-René. *Sourcier ou cibliste*. Paris : Les Belles Lettres, 2014.

³¹ E aqui, quando me refiro a uma dicção mallarmeana, quero dizer que, ainda que as estruturas do texto de partida sejam remontadas para que façam sentido em português, o texto não parece perder ecos da construção que Mallarmé propõe, da fala do poeta, por assim dizer.

disposição de ânimo, e como decisivo para o acompanhamento rítmico ou musical do discurso (2007: 248)

Num período como "Accordez que la poésie française, **en raison de la primauté dans l'enchantement donné à la rime**, pendant l'évolution jusqu'à nous, s'atteste intermitente", por exemplo, para o qual Eiras/Martelo propõem uma inversão sintática simples, como pode-se perceber em "Concedei que a poesia francesa, **por ter conferido à rima a primazia no poder de encantamento**, na sua evolução até nós, se mostra intermitente", a alteração não apresenta uma mudança brusca em relação ao modo de articulação do texto mallarmeano; lapida-o, antes, para que melhor funcione em português.

Um outro ponto de encontro da tradução de Eiras/Martelo com a de Alencar dá-se nas alterações – pontuais lá, aqui frequentes – relacionadas à questão do léxico escolhido. O uso que Alencar faz de hermetismos estranhos ao texto mallarmeano, do mesmo modo que as alterações sintáticas por ela protagonizadas, fazem também parte desse projeto mais *cibliste* com o qual a tradução de Eiras/Martelo, conforme demonstrei, tem algumas convergências. Contudo, é preciso observar que as alterações lexicais empreendidas na tradução portuguesa ganham em interesse por não serem, de maneira alguma, herméticas – exceto, é claro, para um leitor brasileiro, o qual provavelmente acharia no mínimo curioso a presença de palavras como "pejado" ao invés de "maduro", para traduzir "mûr" (MALLARMÉ, 2003: 247), ou mesmo "carreou" em lugar de "carregou" (ALENCAR, 2008: 151), "acuou" (SCHEIBE, 2010: 158), "levou" (ABES, 2010: 165), para "rabbattit" (MALLARMÉ, 2003: 248). Poder-se-ia conferir destaque, por exemplo, a um trecho como "Je dirai que la réminiscence du vers strict hante ces jeux **à côté** et leur confère un profit", que Alencar vai transpor em "Direi que a reminiscência do verso estrito é o fantasma desses jogos **oblíquos** e lhes confere um proveito" e Eiras/Martelo em "Acrescentarei que a reminiscência do verso estrito assombra estes jogos **marginais** e lhes confere um valor suplementar", no qual "oblíquos" não apenas hermetiza "à côté", como cofere ao termo uma interpretação muito mais a fundo do que aquela de antemão prevista pela prática da tradução, enquanto que "marginais", por sua vez, não traduz "à côté" ao pé da letra, mas funciona bem já que expressa um pouco de seu interesse sem, no entanto, entregar uma leitura muito restrita da expressão.

É certo que há momentos em que a tradução portuguesa, seguindo essa lógica de fazer o texto funcionar em português, derrapa em demonstrações excessivas, através

de soluções que em muito alongam as propostas pelo texto de partida³², mas em linhas gerais, os tradutores parecem se sair bem no jogo das compensações e, o que é louvável, reconhecem que nem sempre conseguiram evitar que os deslizos ocorrem: "em alguns momentos, para manter certas sugestões, era forçoso abdicar de outras" (EIRAS; MARTELO, 2011: 48). E é nesse sentido que a nota final apresentada ao leitor – "Nota de leitura", vale lembrar – faz juz ao título, mostrando que uma leitura fina do texto mallarmeano foi parte fundamental para a elaboração do próprio matiz presente no quadro de soluções ali apresentadas: revela-se o caráter profético e teorizador do poema-crítico, seu formato fratural, fragmentário – no qual se reflete, aliás, a própria ideia de crise –, o diagnóstico preciso do momento pelo qual passava a então poesia moderna. Não somente: há nessa tradução ressonâncias da ligação, sugerida por Marcos Siscar, entre a ideia de "crise de versos" e a de "crise de nervos" (2010: 107), especialmente porque aqui, como, curiosamente, também em Ana de Alencar, "não existe apenas uma crise dos versos: o próprio verso é crise; e, assim, ele expõe a produtividade da crise enquanto experiência de limites situada na linguagem" (EIRAS; MARTELO, 2011: 45).

Conforme lembra Álvaro Faleiros, em "Refrações sobre *um lance de dados de Mallarmé*" (2013), Meschonnic considera que uma boa tradução é aquela que "em relação com a poética do texto inventa sua própria poética e que substitui as soluções da língua pelos problemas do discurso, até inventar um novo problema como a obra inventa" (MALLARMÉ, 2013: 35); e são precisamente estes os desdobramentos em evidência na ocasião do fenômeno ligado a sucessivas traduções que, num interstício de mais ou menos meia década, acrescentou mais lenha à fogueira do já crescente interesse pela obra de Mallarmé³³. Floresce, dessas versões do "Crise de vers" no Brasil, um debate engendrado por conversas caras à recepção da obra mallarmeana, à historicidade das traduções dessa obra ao português, à prática brasileira da retradução e até mesmo ao projeto autoral de Mallarmé, em conjunto com as consequências de pensar no que significa, hoje, reler a obra do poeta – especialmente estando no Brasil –, isto porque, como coloca Villa, "parte da ideia de jogo é o poder remontar-se a cada nova jogada, e Mallarmé estava perfeitamente ciente desse aspecto de sua obra". Resumidamente, nas palavras de Faleiros, desta vez em "Três Mallarmés: traduções brasileiras" (2012):

³² Caberia, aqui, falar na deformação bermaniana conhecida como "alongamento" (BERMAN, 2007: 51).

³³ Impulsionado, na França, pelo início da republicação de sua obra completa na coleção Pléiade, por Bertrand Marchal (1998), decorrência do centenário da morte de Mallarmé, e no Brasil, pelos trabalhos sobre tradução produzidos por Ana Cristina Cesar no fim dos anos 1980, além de diversas traduções da obra do poeta – com destaque para sua prosa –, realizadas por diversos tradutores no curso dos anos 1990.

num período de poucos anos, "Crise de vers" passa a circular em duas [agora três] traduções que se encontram no centro de um processo de resignificação e ampliação da recepção da obra de Mallarmé no Brasil, cuja prosa e crítica hoje circulam amplamente e fazem parte de debates não mais mediados exclusivamente por princípios formalistas ou discursos de vanguardas. (2012: 28)³⁴

Da tradição de leitura ligada ao poema-crítico, Ana de Alencar expande a problemática da forma às marcas da retórica, dando abertura, talvez, para um pensamento sobre o lugar da voz na poética deste autor tido como o extremo do escrito, um pensamento sobre a extensão de lugares que um abalo da ordem de uma crise na linguagem poderia atingir. Do questionamento sobre os âmbitos da crise e sobre os modos como ela estaria ligada não somente à configuração do verso da tradição, mas a um lugar fundador da poesia e a um ímpeto que rege a modernidade, Fernando Scheibe retrabalha as proposições historicamente ligadas a esse texto, deslocando-as para uma outra realidade possível de sentido. Do recém iniciado debate sobre as possibilidades e potencialidades de uma crise *do* verso ou de uma crise *de* verso, Gilles Abes destaca a necessidade de pensar, a partir do percurso da teoria literária, a importância de conservar o tom de sugestão que estaria envolvido na polissemia e nas entrelinhas implícitas no caráter enigmático presente em alguns momentos da produção do poeta francês. Dos meandros estruturais e estruturantes do texto mallarmeano, bem como do importante papel que tal texto cumpre no que concerne o momento no qual a poesia, a literatura e a arte encontravam-se quando de sua produção, Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo realçam a tonalidade dos temas ali tratados – e do modo como são tratados –, entendendo a *crise de vers* também como uma crise de articulações, como um reflexo de experiências limite. Desse ritmo que permeia o jogo das leituras, desses flexíveis entroncamentos entre elas e dessas discussões que tais leituras despertam, a maior prova de que a obra de Mallarmé não permanece sob um estado de eternidade, mas se eterniza porque permanece viva; metamorfoseia-se, permitindo que cada um a decifre à luz de representações coletivas aos poucos interiorizadas, das quais se desenlaçam diferentes maneiras de dizer e de fazer.

Como bem coloca Hamel, a historicidade de uma obra não se reduz a uma data, nem a uma época, muito menos a um movimento estético – e, eu acrescentaria, também não se reduz simplesmente ao lugar ou à língua que originou essa obra. Na junção de cada nova leitura à concatenação da memória, os contornos externos da obra se

³⁴ No trecho, o autor se refere às traduções de Alencar e de Scheibe.

deslocam, enquanto sua arquitetura interna se remaneja (HAMEL, 2014: 19). E é porque a leitura fabrica, a partir de textos esparsos, a identidade histórica de uma comunidade, que, quando pensados em sua historicidade, debates como o de Sartre e Blanchot, ou mesmo como o que emoldura o quadro das traduções brasileiras do "Crise de vers", não tornam anacrônicas as grandes obras do passado: colocam-nas em movimento: tiram-nas do confortável trono em que a passagem do tempo insiste acomodá-las: abrem as janelas do palácio para que novos e outros ares – quem sabe até algumas tempestades, como bem gostaria Mallarmé – passem a circular, desobstruindo a respiração e levantando a assentada poeira do tempo.

Referências bibliográficas

ABES, Gilles. "Uma tradução de 'Crise de verso' de Mallarmé: a ótica do enigma como símbolo do texto literário". In: *TradTerm*, 16, 2010. p. 149-174.

ALENCAR, Ana de. "Crise do verso". In: *Inimigo Rumor*, n.20. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Le surréalisme. Le dernier instantané de l'intelligentsia européenne*. Traduction de M. de Gandillac, Oeuvres, II. Paris : Gallimard, Coleção Folio, 2000.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Scheleiermacher, Hölderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. *A tradução e a letra, ou, O albergue do longínquo*. Traduzido por Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

CESAR, Ana Cristina. *Escritos da Inglaterra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

EIRAS, Pedro; MARTELO, Rosa Maria. *Crise de versos*. Porto: Deriva Editores, 2011.

FALEIROS, Álvaro. "Três mallarmés: traduções brasileiras". In: *Aletria* (UFMG), v. 22, 2012. p. 17-31.

HAMEL, Jean-François. *Camarade Mallarmé. Une politique de la lecture*. Paris : Les Éditions de Minuit, Coleção Paradoxe, 2014.

LADMIRAL, Jean-René. *Sourcier ou cibliste*. Paris : Les Belles Lettres, 2014.

MALLARMÉ, Stéphane. "Crise de vers". In: *Igitur ; Divagations ; Un coup de dés*. Présentée, établie et anotée par Bertrand Marchal. Paris : Gallimard, 2003.

_____. *Divagações*. Tradução e apresentação de Fernando Scheibe. Florianópolis: Editora da UFSC, 2010.

_____. *Um lance de dados*. Introdução, organização e tradução por Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

MESCHONNIC, Henri. *Linguagem, ritmo e vida*. Tradução de Cristiano Florentino. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.

_____. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. "Sobre os diferentes métodos de traduzir". In: *Princípios* (UFRN), v. 14, n. 21, 2007.

SISCAR, Marcos. *Poesia e Crise*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ZULAR, Roberto. Apresentação. In: *Literatura e sociedade* (FFLCH/USP), v. 18, 2014a.

_____. Apresentação. In: *Literatura e sociedade* (FFLCH/USP), v. 19, 2014b.